

# LETRAS E LETRADOS 1

*O Dia – 24 de março de 1937.*

**A**inda ontem, não acreditávamos fosse possível, tão cedo, definir tendências precisas em nossa literatura moderna. De fato, os nossos escritores do século passado e do começo deste, homens de letras e de pensamento, senhores de pena ágil e da ironia mordaz, não passaram de publicistas bem aquinhoados da inteligência. Machado de Assis foi um cronista de forte têmpera de romancista. Joaquim Nabuco e Oliveira Lima foram mais expressões de enérgica mentalidade de transplantação que individualidades marcantes da cultura brasileira. O elemento genuíno conta-se a dedos. Um deles, Euclides da Cunha, o outro deles, Affonso Arinos, na ânsia incontida de liberdade intelectual, viveram na eterna tortura de todos os dias, tentando, em arremessos geniais, afirmar algo que ainda dormia, sem que o percebêssemos, no coração da nacionalidade.

Coelho Netto, Eduardo Prado e Graça Aranha, dos quais são hoje filhos espirituais os srs. Gustavo Barroso, Gilberto Amado, Jorge de Lima e Alcântara Machado, criaram a eloquência literária ao lado do demagogismo poético. Outros, como Ruy Barbosa, homens da política, fizeram das letras instrumento contundente de guerra. Impregnados de ceticismo, de indiferença para com a vida, acostumados com a opacidade ambiente e à meia luz, encontraram sentido criador os srs. Manoel Bandeira, Mário de Andrade, Ronald de Carvalho, Felipe de Oliveira,

Tasso da Silveira, Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida, toda essa geração, afirmada logo após 1914.

Farias Brito e Tobias Barreto, espíritos de revolução – Farias procurando na Europa trepidante o mistério da vibração humana e Tobias a essência da força que move o mundo – ao lado de Araripe, Rocha Pombo, Veríssimo e João Ribeiro, deram ensejo ao surgimento desse “grupo” de “brilhantes”, do qual fazem parte os srs. Tristão de Athayde, Plínio Salgado, Gilberto Freyre, Oliveira Vianna, Agrippino Grieco e o falecido Jackson de Figueiredo, representantes do equilíbrio harmônico e do entusiasmo interior de renovação espiritual.

Foram essas inteligências de repercussão, sacudidas pelos frêmitos dos entrechoques políticos, os marcos da nossa era e da velha era, da velha era que encontrou o seu remate final, entre as convulsões da última grande guerra européia. Ainda agora, depois de tudo quanto se tem escrito, é bem fácil notar essa linha divisória e essa continuidade em nossas atividades intelectuais.

Revolvemos campos diferentes de ação. Discutimos e ensaiamos. Tateamos quando devíamos realizar. Vivemos numa cruel tentativa de organização social. Fundimos forças. Aventuramos romper os nossos laços com o passado. Cruzamos espíritos e tendências. Forjamos movimentos subversivos. Tomamos caminhos variados. Embrenhamo-nos por atalhos perigosos. E até há pouco nada conseguimos de positivo. A obra do sr. Tristão de Athayde é um esforço de interpretação. Esforço fecundo e nobre. Uma perpétua vigilância para que não nos afastemos mais do verdadeiro caminho. Vigilância do espírito sobre a arte. Uma vigilância sem reservas. Sempre atenta aos desvios que o próprio espírito pode sofrer em contato constante com a realidade. E vem trabalhando, nesta hora de sol poente, a mais formidável sistematização dos valores de um mundo em desordem. Neste momento de espírito, o sr. Tristão de Athayde é um ponto expressional de convergência.

\*\*\*

Difícil assim definir o instante que passa. Complexíssimo esse espírito brasileiro. Quase inútil o fixar traços marcantes. Quase impossível,

desprevenidamente, apontar linhas de diferenciação ou de identidade, uma vez que as circunstâncias obrigam atitudes. É preciso que, cada um de nós, conserve-se dentro de seu ângulo de ação, para poder, com algo de disponibilidade intelectual, de relance, abranger o panorama completo da vida do espírito. Nascemos já com tendências determinadas. Aos poucos vamos sendo completados pelas idéias que nos chegam e que nos parecem ser razoáveis. As circunstâncias, os imperativos da vida social, as forças políticas, o ideal que conservamos em estado de dormência dentro em nosso ser, fatores de ordem moral, o contato que vamos assiduamente mantendo com indivíduos de outros destinos e de outras raças, a consciência histórica que permanece e atua, dá-nos como que um senso absoluto de autonomia espiritual que nos afasta dos companheiros de geração, de um mesmo ideal político, pela originalidade do sentir e do pensar. Dentro da mesma fé, dentro da mesma crença, nos enxergamos com os nossos olhos, queremos com o nosso coração, sentimos com a nossa alma, amamos os instantes de negação do nosso ser, admiramos os momentos de humildade do nosso espírito. Somos nós mesmos e mais ninguém e, nos limites da nossa personalidade, integramos a totalidade dos valores de um mundo em formação. Em todos nós há um idealista absoluto. Há valores reais, abstratos, míticos ou religiosos, que delimitam o nosso crescimento. Outros valores, também no mesmo sentido e da mesma espécie, nos elevam ao mundo metafísico, na inquietude de solver o mistério divino e o milagre eterno de constância vital. E assim foi que começamos a pensar. E nesse ambiente cósmico que é o Brasil, o pensamento por si só já é revelação de forte tensão nervosa, de luta de adaptação, de reacionarismo contra uma natureza que, a cada passo, tenta absorver o homem e sujeitá-lo às suas regras imutáveis de vida. De outro lado, a formação íngreme da nacionalidade, a coexistência de raças e caracteres em um mesmo cenário de luta, favorece-nos a audácia e o desenvolvimento de rebeldia. E por isso o Brasil é um fenômeno diferente, difícil de compreender, através dos seus homens, vivendo de uma força formidável de autodeterminação vital. Dentro de nosso país, até hoje o indivíduo viveu como um isolado, tão grande é a afluência de seres diferenciados, ainda

mesmo comandados por uma mesma idéia ou orientados pelos princípios de uma mesma fé. E todo o nosso problema está na condensação dessa massa enorme de “isolados”. Os séculos que já passamos de vida em nada contribuíram para a solidificação das nossas idéias dentro de um mesmo círculo de coexistência social. Continuamos hoje o que éramos ontem: pensando isoladamente, agindo por determinantes econômicas, explicando pelo instinto de conservação atitudes erradas e deficiências como povo organizado. Não chegamos ainda àquele ponto de cristalização essencial, não chegamos mesmo ao essencial de nossa vida. Uma massa efervescente forma o povo brasileiro...

\*\*\*

Atualmente, outra não é a nossa intenção que deter o encaminhamento para o futuro dessa realidade tumultuosa que vem do passado. O pensamento moderno brasileiro é um esforço milagroso de coordenação. O sr. Plínio Salgado, expressão cabocla, é a prova violenta, que vem das nossas recônditas origens, de reação constante e enérgica. Em seus romances, o poeta supera o homem romancista, e as páginas de pura contemplação constroem cenários fabulosos de um Brasil fantástico. O sr. Plínio Salgado tenta, dando um novo sentido e significado à nossa história, desviar, com o poder místico que lhe dá a poesia embalada pelo ideal, as populações brasileiras dos ritmos primordiais de evolução. Ele procura um novo destino para o Brasil à influência de circunstâncias políticas universais. A força de vontade que orienta o sr. Plínio Salgado é um fenômeno mui pouco peculiar entre nós. Outro que aí está é o sr. Tristão de Athayde, um prodígio de bom senso e segurança doutrinária, um classificador intransigente de temperamentos, um homem que, pela crítica serena e justa, elevou todo um período literário e dos mais notáveis. O sr. Tristão de Athayde, com os srs. Agrippino Grieco e Andrade Muricy, marcam, em adivinhações lúcidas, o momento mais empolgante da crítica nativa. Outros ainda, entre os orientados, como José Geraldo Vieira, Jorge Amado, Ribeiro Couto, Gastão Cruls, V. de Miranda Reis, Lucio Miguel Pereira, Affonso Arinos de Mello Franco, José Américo de Almeida e

Octavio de Faria, imprimem às nossas letras, contra todos os velhos prognósticos, orientação quase precisa. O sr. José Lins do Rego, bem como os srs. Graciliano Ramos, Érico Veríssimo e Álvaro Moreira, desvirtuaram o sentido de uma obra apreciável, dando vazão rápida a livros que mais serviram para a desvalorização da estréia. O sr. Pedro Calmon está entre os talentos multiformes, entre aqueles impossíveis de definir e classificar. Seria longa uma exposição mais sucinta. O que estamos fazendo, e o que já é grande coisa, são obras de preocupação estética, política ou social, obras de pensamento interessado.

\*\*\*

Iniciamos hoje, neste rodapé, a primeira seção especializada da crítica literária pura, entre nós. Quanto à literatura brasileira, quanto ao movimento que lá fora se processa, nas linhas acima, já aclaramos qual seja o nosso pensamento e o nosso juízo crítico. Aqui faremos com total imparcialidade, obedecendo às boas regras de conduta intelectual, o balanço das atividades da inteligência indígena, sem descuidar, no entanto, do que se passar entre as fronteiras de S. Paulo e S. Catarina – aqui no Paraná. Dentro de nossos limites provinciais, o que nos vem faltando é um seguro critério de apreciação de valores. Qualquer indivíduo chama a si o direito de se julgar homem de pensamento ou de letras, não medindo a responsabilidade dos termos nem as determinantes da capacidade de ação mental. É bem verdade que não nos fogem as autênticas vocações literárias. Mas, em nossa imprensa, uma multidão de audaciosos anula qualquer intenção bem orientada, impedindo as grandes e belas revelações. O que é mais doloroso ainda são essas reuniões de grupinhos inescrupulosos, cuja capacidade profissional é duvidosa, querendo impor aos inexperientes e ingênuos realidades que não passam de sonhos e ilusões. A vida da inteligência exige bem mais. Exige sacrifício e dedicação, esforço e persistência. Curitiba já é ambiente para grandes celebrações. É preciso, por isso, saber afastar os valores falsos que tanto prejudicam o nosso bom nome e dar tudo para que se revelem os verdadeiros estudiosos, cuja modéstia intelectual priva-nos do contato com os mais belos espíritos do tempo.

O nosso trabalho, neste rodapé, será de fiscalização. Se por acaso ofendermos suscetibilidades, perdoe o público leitor, porque o fazemos em benefício da nossa terra e da nossa gente. Todas as semanas, aqui estaremos, para dar conta do que se faz, no Brasil e no Paraná, no domínio das letras. Não esperem os interessados o elogio protocolar, como é do costume. Queremos ser úteis aos que estudam, separando o mau do bom, afastando os elementos degenerados daqueles cuja vida interior é um mundo de reservas mentais. Queremos orientar com honestidade os que se iniciam, apontando os subsídios necessários ao encaminhamento da inteligência. A fortaleza do crítico está no fugir das próprias fragilidades. O Paraná, principalmente, passa por um dos momentos mais tristes da história de sua cultura. Todos aqueles que sabem prezar a dignidade do pensamento humano hão de estar conosco e louvar a nossa iniciativa.